

De uma das janelas do palacio, considerou, penalizado, o desprêzo infligido áquele homem que, um dia, o dominara com a força magnetica da sua personalidade incompreensivel, observando a ondulação da turba enfurecida, ao sair o inesquecivel cortejo.

Ao lado do Mestre, não se via mais a carinhosa assistencia dos discipulos e seus numerosos seguidores. Apenas algumas mulheres — entre as quais se destacava o vulto impressionante e agoniado de sua mãe — o amparavam afetuosamente, no doloroso e derradeiro caminho.

Aos poucos, a praça extensa aquietou-se ao calor sufocante da tarde que se avizinhava.

A' distancia, ouvia-se ainda o vozeio da plebe, aliado ao relinchar dos cavalos e ao tinir das armaduras.

Impressionados com o espetáculo que, aliás, não era incomum na Palestina, reuniram-se os romanos em uma das salas amplas do palacio governamental, em animada palestra, versando os instintos e paixões ferozes da plebe enfurecida.

Daí a minutos, Claudia mandava servir doces, vinhos e frutas e, enquanto a conversação timbrava os problemas da provincia e as intrigas da côrte de Tiberio, mal imaginava aquelle punhado de criaturas que, na cruz grosseira e humilde do Gólgota ia acender-se uma gloriosa luz para todos os séculos terrestres.

IX

A CALÓNIA VITORIOSA

Se Jesus de Nazaré havia sido abandonado por seus discipulos e seguidores mais diretos, o mesmo não se verificara, quanto ao grande número de criaturas humildes que o acompanhavam, com devoção purificada e sincera.

E' verdade que essas almas, raras, não revelaram francamente as suas simpatias perante a turba desvai-

rada, temendo-lhe as sanhas destruidoras, mas, muitos espiritos piedosos, como Ana e Simeão, contemplaram de perto os martirios do Senhor sob o açoite infamante, cheios de lágrimas angustiosas e esperando que, a cada momento, se pudesse manifestar a justiça de Deus contra a perversidade dos homens, a favor do Messias.

Contudo, esvaeceram-se-lhes as derradeiras esperanças, quando, sob o pêso da cruz, o supliciado caminhou a passos cambaleantes, para o monte da última injúria, depois de confirmada a ignóbil sentença.

Foi assim que Ana e seu tio, reconhecendo inevitavel o martirio da crucificação, deliberaram seguir para a residencia de Publio, para suplicar o patrocínio de Lívia, junto ao governador.

Enquanto o cortejo sinistro e impressionante se punha em marcha nos seus movimentos vagarosos, ambos desviaram-se da massa, encaminhando-se por uma viéla ensolarada, em busca do almejado socorro.

Penetrando na residencia, enquanto Simeão a esperava, pacientemente, numa calçada próxima, dirige-se Ana á espôsa do senador, que a recebeu surpresa e desolada.

— Senhora — diz, mal ocultando as lágrimas — o profeta de Nazaré já está a caminho da morte ignominiosa na cruz, entre os ladrões!...

Uma emoção mais forte embargara-lhe a voz, sufocada de pranto.

— Como? — respondeu Lívia, penosamente surpreendida — se a prisão data de tão poucas horas?

— Mas é a verdade... — revidou a serva compungida. E, em nome daqueles mesmos soffredores que vistes consolados pela sua palavra carinhosa e amiga, junto ás aguas do Tiberiades, eu e meu tio Simeão vimos implorar o vosso auxilio pessoal junto ao governador, afim-de fazermos um esforço derradeiro pelo Messias!..."

— Mas, uma condenação como essa, sem estudo, sem exame, é lá possivel? Vive, então, aqui, este povo sem outra lei que não a da barbaria? — exclamou a senhora, visivelmente revoltada, com inopinada notícia.

Como se desejasse arrancá-la a qualquer divagação incompatível com o momento, a serva insistiu com decisão e amargura:

— Entretanto, senhora, não podemos perder um minuto.

— Antes de tudo, porém, eu precisava consultar meu marido sôbre o assunto... — monologou a espôsa do senador, recordando-se, repentinamente, dos seus deveres conjugais.

Onde estaria Publio naquele instante? Desde a manhã, não regressara á casa, após o chamado insistente de Pilatos. Teria colaborado na condenação do Messias? Num relance, a pobre senhora examinou toda a situação nos seus minimos detalhes, recordando, igualmente, os bens infinitos que o seu coração havia recebido das mãos caridosas e complacentes do mestre nazareno, e, como se estivesse iluminada por uma força superior, que lhe fazia esquecer todas as questões transitorias da Terra, exclamou com heroica resolução:

— Está bem, Ana, irei em tua companhia pedir a proteção de Pilatos para o profeta.

Esperar-me-ás um momento, enquanto vou retomar aqueles trajes galileus que me serviram naquela tarde de Cafarnaum, dirigindo-me, dêste modo ao governador, sem provocar a atenção da turbamulta desenfreada.

Em poucos minutos, sem refletir nas consequencias da sua desesperada attitude, Lívia estava na rua, novamente enfiada nos trajes simples da gente pobre da Galiléia, trocando amarguradas impressões com o ancião de Samária e sua sobrinha, acerca-dos dolorosos acontecimentos daquela tarde inolvidavel.

Aproximando-se da séde do govêrno provincial, seu coração palpitou com mais força, obrigando-a a mais demorados pensamentos.

Não seria uma temeridade da sua parte procurar o governador sem prévio conhecimento do companheiro? Mas, tudo não fizera ela, em vão, por aproximar-se do espôso arredio e irritado, de maneira a reerguer a sua antiga confiança? E Pilatos? Na sua imaginação, guardava ainda os detalhes minuciosos das amargas comoções

daquela noite em que lhe fôra êle mais franco, quanto aos sentimentos inconfessaveis que a sua figura de mulher lhe havia inspirado.

Lívia hesitou ao penetrar num dos angulos da grande praça, agora adormentada por um sol causticante, de brasas vivas.

Seu raciocinio contrariava a attitude que assumira aos apêlos da serva, que representava, aos seus olhos, a súplica angustiada de inúmeros espiritos desvalidos; seu coração, porém, sancionava plenamente aquele derradeiro esforço em favor do emissario celeste que lhe havia curado as chagas da filhinha, enchendo de tranquillidade inalteravel o seu coração atormentado de espôsa e mãe, tantas vezes incompreendido. Além disso, nesse conflito interior da razão e do sentimento, este último lhe fazia lembrar que Jesus, nas margens do lago lhe falara de amargurados sacrificios pela sua grande causa e não seria aquela a hora sagrada da gratidão de sua fé ardente e do seu testemunho de sinceridade reconhecida? Aliviada pela íntima satisfação no cumprimento de seu carinhoso dever, avançou então, desassombradamente, deixando os dois companheiros á sua espera, num dos largos recantos da praça, enquanto procurava ganhar as adjacencias do edificio com ligeiro desembaraço.

Batia-lhe o coração descompassadamente.

Como encontrar o governador da Judéia áquella hora? Um sol ardente concentrava, em tudo, calor intoleravel e sufocante.

O cortejo, em demanda do Gólgota, partira havia quasi uma hora e o palacio parecia agora mergulhado numa atmosfera de silencio e de sono, após as penosas confusões daquele dia.

Apenas alguns centuriões montavam guarda ao edificio e, quando Lívia alcançou menor distancia das portas principais de acesso ao interior, eis que se lhe depara a figura de Sulpicio, a quem se dirigiu com o máximo de confiança e de innocencia, pedindo-lhe o obsequio de sollicitar uma audiencia privada e immediata ao governador, em seu nome, afim-de falar-lhe quanto á dolorosa situação de Jesus de Nazaré,

O lictor mirou-a de alto a baixo, com o olhar de lascívia e cupidez que lhe eram características e, crendo piamente nas relações ilícitas daquela mulher com o Procurador da Judéia, em virtude de suas observações pessoais, por coincidências que se lhe figuravam a realidade perfeita daquela suposta prevaricação, presumiu naquele áto insólito, não o motivo apresentado, que lhe pareceu um ótimo pretexto para afastar quaisquer desconfianças, mas o objetivo de se encontrar com o homem de suas preferências.

Criatura ignóbil, de que se utilizava o governador, para instrumento de suas paixões malignas, entendeu que semelhante entrevista deveria ser levada a efeito na maior intimidade, e, compreendendo que Publio Lentulus ainda lá se encontrava em animada palestra com os companheiros, conduziu Lívia a um gabinete perfumado, onde se alinhavam preciosos vasos de aromas do Oriente, saturados de fluidos sutís e entontecedores, onde Pilatos recebia, por vezes, a visita furtiva das mulheres de conduta equívoca, convidadas a participar dos seus licenciosos prazeres.

Ignorando, por completo, o mecanismo de circunstâncias que a conduziam a uma penosíssima situação, Lívia acompanhou o lictor ao gabinete aludido, onde, embora estranhando a suntuosidade extravagante do ambiente, demorou-se alguns minutos, a sós, aguardando ansiosamente o instante de implorar, de viva voz, ao procurador da Judéia a sua prestigiosa interferencia, a favor do generoso Messias de Nazaré.

Nem ela, nem Sulpício, todavia, chegaram a perceber que uns olhos perscrutadores os acompanharam com profundo interesse, desde o exterior do edificio ao gabinete privado a que nos referimos.

Era Fulvia, que, conhecendo semelhante apartamento do palacio, surpreendera a espôsa do senador, sob o disfarce daquela túnica humilde, da vida rural, enchendo-se-lhe o coração de pavorosos ciúmes, ao verificar aquela visita inesperada.

Enquanto Sulpício Tarquinius fazia um sinal familiar ao governador, a que este atendeu de pronto, indo

imediatamente ao seu encontro num vasto corredor, onde murmuraram ambos algumas palavras em tom discreto, cientificando-se Pilatos da almejada entrevista, em particular, aquela maliciosa criatura demandava alcovas do seu íntimo conhecimento, de maneira a certificar-se, positivamente, através dos reposteiros, da presença de Lívia no apartamento privado do governador, onde tinham lugar as suas expansões licenciosas.

Certificada, em absoluto, do acontecimento, a caluniadora antegozou o instante em que tomaria Publio pelas mãos, afim-de conduzi-lo á visão direta do suposto adultério de sua mulher e, quando regressava ao vasto salão, deixando transparecer levemente a satisfação sinistra da sua alma, ainda ouviu Pilatos exclamar com delicadeza para os seus convidados.

— Meus amigos, espero me concedam alguns minutos para solucionar assuntos de uma entrevista privada e urgente, que eu não esperava neste momento. Acreditado que, consumada a condenação do Messias de Nazaré, batem já a estas portas os que não tiveram coragem para defendê-lo publicamente, no momento oportuno!... Vamos ver!

E retirando-se com o assentimento unânime dos presentes, o governador atingia o gabinete reservado, onde, eminentemente surpreendido, encontrou o vulto nobre de Lívia, mais bela quão mais sedutora naqueles trajés despretensiosos e simples, e que lhe dirigiu a palavra nestes términos:

— Senhor governador, embora sem o consentimento prévio de meu marido, resolvi chegar até aqui, em virtude da urgencia do assunto, suplicando o vosso amparo politico para a absolvição do profeta de Nazaré. Homem humilde e bom, caridoso e justo, que mal teria praticado para morrer assim, de morte infamante, entre dois ladrões? E' por isso que, conhecendo-o pessoalmente e tendo-o na conta de um inspirado do céu, ousou invocar as vossas elevadas qualidades de homem público, em favor do acusado!...

Sua voz era trêmula, indiciando as emoções que lhe iam nalma.

— Senhora — respondeu Pilatos, fazendo o possível por sensibilizar e seduzir-lhe o coração com a fingida ternura de suas palavras — tudo fiz para evitar a Jesus a morte no madeiro infamante, vencendo todos meus escrúpulos como homem de governo, mas, infelizmente, tudo está consumado. Nossa legislação foi vencida pelas iras da multidão delinquente, nas explosões injustificadas do seu odio incompreensível.

— Então, não é lícito esperarmos nenhuma providencia mais a beneficio dêsse homem caridoso e justo, condenado como um vulgar malfeitor? Será êle, então, crucificado pelo crime de praticar a caridade e plantar a fé no coração dos seus semelhantes, que ainda não sabem adquiri-la por si próprios?

— Infelizmente, assim é... — replicou Pilatos, contrafeito. Tudo fizemos, afim-de evitar os desatinos da plêbe amotinada, mas os meus escrúpulos não conseguiram vencer, sendo obrigado a confirmar a pena de Jesus, á contra-gosto.

Por um momento, entregou-se Lívia ás suas meditações dolorosas, como se estivesse inquirindo a si mesma, qualquer providencia nova a adotar sem perda de um minuto.

Quanto ao governador, depois de imprimir uma pausa ás suas palavras, deixou que os seus instintos de homem surgissem, plenamente, naquelas circunstancias.

Aquele dia havia sido de lutas penosas e intensas. Um singular abatimento fisico lhe dominava os centros mais poderosos de força organica, mas, diante dos seus olhos, habituados á conquista e, muitas vezes, aos recursos da propria crueldade, estava aquela mulher que lhe resistira... Poderosa algema parecia imantá-lo á sua personalidade simples e carinhosa e êle, mais que nunca desejou possuí-la, tornando-a, como as outras, um instrumento de suas transitórias paixões. O ambiente, sobretudo, conturbava-lhe as fontes mais puras do raciocinio. Aquele gabinete era destinado, exclusivamente, ás suas extravagancias noturnas e fluidos estontecedo-

res pairavam em todos os seus escaninhos, embotando os pensamentos mais nobres da consciencia.

Via a mulher ambicionada, perdida por alguns segundos, em graciosas cismas, diante da sua presença dominadora.

Aquela graça simples, saturada de uma generosidade quasi infantil e aliada aos olhos límpidos e profundos de madona do lar, obscureceu-lhe o cavalheirismo que, por vezes, aflorava no modo brusco das suas injustiças e crueldades de homem da vida particular e da vida pública.

Avançando como tomado por uma fôrça incoerível, exclamou inopinadamente, fazendo-lhe sentir o perigo da posição em que se colocara:

— Nobre Lívia — começou êle, na inquietação de seus impuros pensamentos — nunca mais olvidei aquela noite, cheia de músicas e de estrêlas, em que vos revelei pela primeira vez a ardencia do meu coração apaixonado... Esquecei, por um momento, êsses judeus incompreensíveis e ouvi, ainda uma vez, a palavra sincera dos profundos sentimentos que me inspirastes com as vossas virtudes e peregrina beleza!...

— Senhor!... — teve forças para exclamar a pobre senhora, procurando aliviar-se da afronta.

Mas, o governador, com a ousadia dos homens impetuosos, não teve outro gesto, senão o de obedecer aos seus caprichos impulsivos tomando-lhe as mãos, atrevidamente.

Lívia, todavia, movimentando todas as suas energias, alcançou recursos para se desvencilhar dos seus braços longos e fortes, redarguindo com energia:

— Para trás, senhor! Acaso será êsse o tratamento de um homem de Estado para com uma cidadã romana e esposa de um senador illustre do Império? E, ainda que me faltassem todos êsses títulos, que me deveriam dignificar aos vossos olhos cúpidos e deshumanos, suponho que não deverieis faltar, neste momento, com o comestivo dever de cavalheirismo respeitoso, que qualquer homem é obrigado a dispensar a uma mulher!

O governador estacou ante aquele gesto heroico e

imprevisto, tão habituado estava êle aos mais avançados processos de sedução.

A resistencia daquella mulher espicaçava os desejos de vencer-lhe o orgulho nobre e a virtude incorrutivel.

Sentia ímpetos de se atirar áquella criatura delicada e fragil, no turbilhão de lascivia e de voluptuosidade que lhe obumbrava o raciocínio; no entanto, fôrça incoercível parecia impôr-se aos seus caprichos perigosos de apaixonado, inutilizando-lhe as fôrças necessarias á execução de semelhante cometimento.

Neste comenos, a espôsa do senador lançando-lhe um olhar doloroso, onde se podia verificar toda a extensão do seu sofrimento e do seu desprêzo em face do ultraje recebido, retirou-se profundamente emocionada, com o cérebro fervilhante dos mais desencontrados pensamentos.

Antes, porém, que a vejamos sair do gabinete, somos obrigado a retroceder alguns minutos, quando Fulvia solicitou ao sobrinho de seu marido o obsequio de uma palavra em particular, pondo-o ao corrente de tudo o que se passava.

O senador experimentou um choque terrivel no coração, pressentindo que a prevaricação da mulher estava prestes a confirmar-se diante dos seus proprios olhos, e contudo, hesitou ainda acreditar em semelhante vilania.

— Lívia aqui? — perguntou soturnamente á espôsa do tio, dando a entender, pela inflexão da voz, que tudo não passava de criminosa calúnia.

— Sim — exclamou Fulvia ansiosa por fornecer-lhe a prova tangível de suas asserções — ella está em colóquio com o governador, no seu apartamento privado, sem ajuizar da situação e das circunstancias em que se verifica tal encontro, porque, afinal, Claudia ainda está nesta casa e, perante a lei, minha irmã é a espôsa legítima de Pilatos, mal habituado com os costumes dissolutos da côrte, de onde foi enviado para cá em virtude de serios incidentes desta mesma natureza!

Publio Lentulus arregalou os olhos na sua ingenuidade, dando guarida aos mais horribes sentimentos, in-

toxicando-se com o veneno da mais acerba desconfiança, em vista de todas as circunstancias operarem contra sua mulher, embora jogasse êle, no assunto, com os mais vastos cabedais da sua tolerancia e liberalidade.

Sua attitude de expectativa revelava ainda o maximo de incredulidade, com respeito ás acusações que ouvira, mas, observando a caluniadora o seu angustiado silencio, acudiu ansiosa, exclamando:

— Senador, acompanhai-me através destas salas e eu vos entregarei a chave do enigma, porquanto verificareis a levandade de vossa espôsa, com os vossos proprios olhos...

— Desvairais? — perguntou êle com serenidade terrivel. Um chefe de familia da nossa estirpe social, a menos que uma confiança mais forte lhe outorgue êsse direito, não deve conhecer as intimidades domésticas de uma casa que não seja a sua propria.

Observando que o golpe falhara, voltou Fulvia a exclamar com a mesma firmeza:

— Está bem, já que não desejais fugir aos vossos principios, aproximemo-nos de uma dessas janelas. Daqui mesmo, podereis observar a veracidade de minhas palavras, com a retirada de Lívia dos apartamentos privados d'êste palacio.

E quasi a tomar o interlocutor pelas mãos, tal o abatimento moral que se apossara do seu animo, a mulher do pretor aproximou-se do parapeito de uma janela proxima, seguida por êle, que a acompanhava quasi cambaleante.

Não foram necessarios outros argumentos que melhor o convencessem.

Chegados ao local preferido de Fulvia como posto de observação, em poucos segundos viram abrir-se a porta do gabinete indicado, ao mesmo tempo que Lívia se retirava, nos seus disfarces galileus, deixando transparecer na fisionomia os sinais evidentes da sua emoção, como se quisesse fugir de uma situação que a acabrunhava penosamente.

Publio Lentulus sentiu a alma dilacerada para sempre. Considerou, num relance, que havia perdido todos

os patrimônios de nobreza social e política, de envolta com as aspirações mais sagradas do seu ocação. Diante da atitude de sua mulher, considerada por êle como indelevel ignominia, que lhe infamava o nome para sempre, supôs-se o mais desventurado dos homens. Todos os seus sonhos estavam agora mortos e fracassadas, terrivelmente, todas as esperanças. Para o homem, a mulher escolhida representa a base sagrada de todas as realizações da sua personalidade, nos embates da vida e êle experimentou que essa base lhe fugia, desequilibrando-lhe o cérebro e o coração.

Contudo, nesse turbilhão de fantasmas da sua imaginação superexcitada, que escarneciam de suas mentirosas venturas, lobrigou o vulto suave e doce dos filhinhos, que o fitavam silenciosos e comovidos. Um deles vagava no desconhecido, mas a filha esperava-lhe o carinho paternal e deveria ser, doravante, a razão da sua vida e a força de todas as suas esperanças.

— Que dizeis, agora? — exclamou Fulvia triunfante, arrancando-o do seu doloroso silencio.

— Vencestes! — respondeu secamente, com a voz embargada de emoção. E, trazendo á expressão fisiologica o maximo de energia, voltou ao salão extenso, a passos pesados e soturnos, despedindo-se heroicamente dos amigos, a pretexto de leve enxaqueca.

— Senador, esperai um momento. O governador ainda não voltou dos seus apartamentos particulares — exclamou um dos patricios presentes.

— Muito agradecido! — disse Publio, gravemente. Mas os prezados amigos hão de desculpar a insistencia, apresentando minhas despedidas e agradecimentos ao nosso generoso anfitrião.

E, sem mais delongas, mandou preparar a liteira que o conduziria de regresso ao lar, pelas mãos fortes dos seus escravos, de modo a propocionar algum repouso ao coração supliciado por emoções dolorosas e inesquecíveis.

Enquanto o senador se retira profundamente contrariado, acompanhemos Lívia, de volta á praça, afim-de

notificar aos dois amigos, quanto ao resultado improffico da sua tentativa.

Dolorosas amarguras lhe punham o coração.

Jamais pensara, na sua generosidade simples e confiante, que o procurador da Judéia pudesse receber-lhe a súplica com tamanha demonstração de indiferença e impiedade pela sua situação de mulher.

Procurou refazer-se daquelas emoções, em se aproximando de Ana e do tio, porquanto competia-lhe occultar aquele desgosto no mais íntimo do coração.

Junto de ambos os companheiros humildes, da mesma crença, deixou expandir-se a sua angústia, exclamando pesarosa:

— Ana, infelizmente tudo está perdido! A sentença foi consumada e não ha mais nenhum recurso!... O profeta carinhoso de Nazaré nunca mais voltará a Cafarnaum para nos levar as suas consolações brandas e amigas!... A cruz de hoje será o prêmio dêste mundo, á sua bondade sem limites!...

Todos três tinham os olhos mareados de lágrimas.

— Faça-se, então, a vontade do Pai que está nos céus — exclamou a serva, prorrrompendo em soluços.

— Filhas — disse, porém, o ancião de Samária com o olhar profundo e límpido, fito no céu, onde fulguravam as irradiações do sol ardente — o Messias nunca nos ocultou a verdade dos seus sacrificios, dos martirios que o aguardavam nestes sitios, afim-de nos ensinar que o seu reino não está neste mundo! Nas sombras da minha velhice, estou apto a reconhecer a grande realidade das suas palavras, porque honras e vanglorias, mocidade e fortuna, bem como as alegrias passageiras do plano terrestre de nada valem, pois tudo aqui vem a ser ilusão que desaparece nos abismos da dor e do tempo... A unica realidade tangivel é a de nossa alma a caminho dêsse reino maravilhoso, cuja beleza e cuja luz nos foram trazidas por suas lições inesquecíveis e carinhosas!...

— Mas — obtemperou Ana entre lágrimas — nunca mais veremos a Jesus de Nazaré, confortando-nos o coração!...

— Que dizes, filha? — exclamou Simeão com firmeza. Não sabes, então, que o Mestre afiançou que a sua presença consoladora é sempre inalterável entre os que se reúnem e se reunirão, neste mundo, em seu nome? Regressando, agora, á Samária, erguerei uma cruz á porta da nossa choupana e reunirei alí a comunidade dos crentes que desejarem continuar as amorosas tradições do Messias.

E, depois de uma pausa, em que parecia despertar sob o pêso de pungentes preocupações, acentuou:

— Mas, não temos tempo a perder... Sigamos para o Gólgota... Vamos receber, ainda uma vez, as bênçãos de Jesus!

— Muito grato me seria acompanhá-lo — retrucou Lívia impressionada — entretanto, urge volte á casa, onde me esperam os cuidados com a filha. Sei que hão de relevar minha ausencia, porque a verdade é que estou, em pensamento, junto á cruz do Mestre, meditando nos seus martirios e inomináveis padecimentos... Meu coração acompanhará essa agonia indescritível, e que o Pai dos céus nos conceda a fôrça precisa para suportarmos corajosamente o angustioso transe!...

— Ide, senhora, que os vossos deveres de espôsa e mãe são também mais que sagrados — exclamou Simeão carinhosamente.

E enquanto o velho e a sobrinha se dirigiam para o Calvario, escalando as vias públicas que demandavam á colina, Lívia regressava ao lar, apressadamente, buscando os caminhos mais curtos, através das viélas estreitas, de modo a voltar, quanto antes, não só pela circunstancia inesperada de sair á rua em trajés diferentes, compelida pelos imperativos do momento, mas também porque uma angústia inexplicável lhe azorragava o coração, fazendo-lhe experimentar uma necessidade mais forte de preces e meditações.

Chegando ao lar, o seu primeiro cuidado foi retomar a túnica habitual, buscando um recanto mais silencioso dos seus apartamentos, para orar com fervor ao Pai de infinita misericórdia.

Dáí a poucos minutos, ouviu os ruidos indicativos

da volta do espôso, que, notou, se recolhia ao gabinete particular, fechando a porta com estrépito.

Lembrou-se, então, que, de sua casa era possível avistar ao longe os movimentos do Gólgota, procurando um ângulo de janela, de onde conseguisse contemplar os penosos sacrificios do Mestre de Nazaré. Bastou buscasse fazê-lo, para que enxergasse nas eminencias do monte o grande ajuntamento de povo, enquanto levantavam as três cruzes famosas, daquela tarde inesquecível.

A colina era estéril, sem beleza, e, através da distancia, podiam seus olhos lobrigar os caminhos poeirentos e a paisagem desolada e árida, sob um sol causticante e destruidor.

Lívia orava com toda a intensidade emotiva do seu espirito, dominada por angustiosos pensamentos.

A' retina da sua visão espiritual, surgiam ainda os quadros suaves e encantadores do "mar" da Galiléia, conhecendo que á memoria lhe revinha aquele crepúsculo inolvidável, quando, entre criaturas humildes e sofredoras, aguardava o doce momento de ouvir a encantadora palavra do Messias, pela primeira vez. Via ainda a grosseira barca de Simão, encostando-se ás flores mimosas das margens, enquanto a renda branca das espumas lambia os seixos claros da praia... Jesus ali estava, junto da multidão dos desesperados e desiludidos, com os seus grandes olhos ternos e profundos...

Todavia, aquela cruz que se levantava no monte da Caveira, acordava-lhe o coração em amargosas cismas.

Depois de orar e meditar longamente, examinou, de longe, os três madeiros que se erguiam, agora, ao calor intolerável de um sol de brasas, presumindo escutar o vozerio da multidão criminosa, que se acotovelava junto á cruz do Mestre, em terríveis improperios.

De repente, sentiu-se tocada por uma onda de consolações indefiníveis. Figurava-se-lhe que o ar sufocante de Jerusalém se havia povoado de vibrações melodiosas e intraduzíveis. Extasiada, observou, na retina espiritual, que a grande cruz do Calvario estava cercada de luzes numerosas.

Ao calor invulgar daquele dia, nuvens espessas se haviam concentrado na atmosfera, prenunciando tempestade. Em poucos minutos, toda a abóbada celeste estava represada de sombras escuras, mas naquele momento que assinalava precisamente as dezoito horas, notou que se havia rasgado um longo caminho entre o Céu e a Terra, por onde desciam ao Gólgota legiões de sêres graciosos e alados. Concentrando-se, aos milhares, ao redor do madeiro, pareciam transformar a cruz do Mestre numa fonte de claridades perenes e radiosas.

Atraída por aquele imenso fóco de luz resplandecente, sentiu que sua alma, desligada do corpo carnal, se transportava ao cume do Calvario, afim-de prestar a Jeus o último preito do seu devotamento. Sim! via, agora, o Messias de Nazaré rodeado dos seus lúcidos mensageiros e das legiões poderosas de seus anjos. Jamais, supusera vê-lo tão divinizado e tão belo, de olhos voltados para o firmamento, como em visão de gloriosas beatitudes.

Ela o contemplou, por sua vez, tocada de sua maravilhosa luz, alheia a todos os rumores que a rodeavam, implorando-lhe fortaleza, resignação, esperança e misericórdia.

Em dado instante, seu espirito sentiu-se banhado de consolação indefinível. Como se estivesse empolgada pela maior emoção da sua vida, notou que o Mestre desviara levemente o olhar, pousando-o nela, numa onda de amor intraduzível e de luminosa ternura. Aqueles olhos serenos e misericordiosos, nos tormentos extremos da agonia, pareciam dizer-lhe: — “Filha, guarda as claridades eternas do meu reino, porque, na Terra, é assim que todos nós deveremos morrer!...”

Desejava responder ás exortações suaves e doces do Messias, mas seu coração estava sufocado numa onda de radiosa espiritualidade. Todavia, no íntimo, afirmou, como se estivesse falando para si mesma: — “Sim, é dêsse modo que deveremos morrer!... Jesus, concedei-me alento, resignação e esperança para cumprir os vossos ensinamentos, para alcançar um dia o vosso reino de amor e de justiça!...”

Lágrimas copiosas banhavam-lhe o rosto, naquela visão beatífica e maravilhosa.

Nesse momento, porém, a porta abriu-se com estrépito e a voz soturna e desesperada do marido vibrou no ar abafado, despertando-a bruscamente, arrancando-a de suas visões consoladoras.

— Lívia! — bradou êle — como se estivesse tocado por comoções decisivas e desesperadas.

Publio Lentulus regressando ao lar, encaminhou-se imediatamente ao gabinete, onde se deixou ficar por muito tempo, engolfado em atrozes pensamentos. Depois de sentir o cérebro trabalhado pelas mais antagônicas resoluções, lembrou-se que deveria suplicar a piedade dos deuses para os seus penosos transe. Dirigiu-se ao altar doméstico onde repousavam os símbolos inanimados de suas divindades familiares, mas, enquanto Lívia alcançara o precioso confôrto, aceitando no coração os ensinamentos de Jesus com o perdão, a humildade e a prática do bem, debalde o senador procurou esclarecimento e consôlo, elevando as suas orações aos pés da estátua de Júpiter, impassível e orgulhoso. Debalde suplicou a inspiração de suas divindades domésticas, porque êsses deuses eram a tradição corporificada do imperialismo da sua raça, tradição que se constituia de vaidade e de orgulho, de egoismo e de ambição.

Foi assim que, intoxicado pelo desespero, procurou a espôsa, sem mais delongas, afim-de cuspir-lhe em rosto todo o desprezo da sua amargurada desesperação.

Ao chamá-la, bruscamente, observou que os seus olhos semi-cerrados estavam cheios de lágrimas, como a contemplar alguma visão espiritual, inacessível á sua observação. Jamais Lívia lhe parecera tão espiritualizada e tão bela, como naquele instante sublime; mas, o demonio da calúnia lhe fez sentir, imediatamente, que aquele pranto nada representava senão um sinal de remorso e de compunção ante a falta cometida, ciente, como deveria achar-se a espôsa, da sua presença no palacio governamental, depreendendo-se daí que ela deveria esperar a possibilidade da sua severa punição.

Arrancada ao seu êxtase pela voz vibrante do ma-

rido, a pobre senhora observou que a sua visão se desvanecera inteiramente, e que o céu de Jerusalém fôra invadido por tenebrosa escuridão, ouvindo-se os rebombos formidáveis de trovões longínquos, enquanto relampagos terríveis riscavam a atmosfera em todas as direções.

— Lúvia, — exclamou o senador com voz forte e pausada, dando a entender o penoso esforço que despendia para dominar o complexo de suas emoções — as lágrimas de arrependimento são inúteis neste momento doloroso dos nossos destinos, porque todos os laços de afetividade comum, que nos uniam, estão agora rôtos para sempre...

— Mas, que é isso? — pôde ela dizer — revelando o pavor que tais palavras lhe produziam.

— Nem mais uma palavra! — revidou o senador, pálido de cólera, dentro de uma serenidade feroz e implacável — observei, com os próprios olhos o seu nefando delito desta tarde, e agora conheço a finalidade dos seus disfarces humildes de galiléia!... Ouvir-me-á a senhora até o fim, eximindo-se de qualquer justificativa, porque uma traição como a sua só poderá encontrar justo castigo com o silêncio profundo da morte.

“Mas, não quero matá-la. Minha formação moral não se compadece com o crime. Não porque haja piedade em minha alma, á vista do possível arrependimento do seu coração, no tempo oportuno, mas porque tenho ainda uma filha sôbre cuja frente recairia o meu gesto de crueldade contra a sua crueldade, que basta para nos tornar infelizes por toda a vida...”

“Sendo um homem honesto e pronto a desafrontar-me de qualquer ultraje, tenho muito amor ao meu nome e ás tradições de minha família, de modo a não me tornar um pai desnaturado e criminoso.

“Poderia abandoná-la para sempre, na consideração de seu ato de extrema deslealdade, porém, os servos desta casa se alimentam igualmente á minha mesa e sem reconhecer os outros titulos que me ligavam á senhora, na intimidade doméstica, vejo ainda na sua pessoa a mãe de meus filhos desventurados. E’ por isso

que, doravante, desprezo, em face das provas palpáveis da sua deshonestidade, neste dia nefasto do meu destino, todas as expressões morais da sua personalidade indigna, para conservar nesta casa, tão somente, a sua expressão de maternidade que me habituei a respeitar nos irracionais mais humildes e desprezíveis.

Os olhos súplices da caluniada deixavam entrever os indizíveis martírios que lhe dilaceravam o coração carinhoso e sensibilissimo.

Ajoelhara-se aos pés do espôso, com humildade, enquanto lágrimas dolorosas lhe rolavam das faces pálidas, clarificadas por angustioso silêncio.

Lembrava-se Lúvia, então, de Jesus nos seus intraduzíveis padecimentos. Sim... ela recordava as suas palavras e estava pronta para o sacrificio. No meio de suas dores, parecia sentir ainda o gôsto daquele pão de vida, abençoado por suas divinas mãos, e figurava-se lavada de todas as mundanas preocupações. A idéia do reino dos céus, onde todos os aflitos são consolados, anestesiava-lhe o coração dolorido, nas suas primeiras reflexões a respeito da calúnia de que era vítima o seu espirito fustigado pelas provas aspérrimas.

Não obstante a sua attitude de serena humildade, continuou o senador no auge da angústia moral:

— Dei-lhe tudo o que possuía de mais puro e mais sagrado neste mundo, na esperança de que correspondesse aos meus ideais mais sublimes; entretanto, relegando todos os deveres que lhe competiam, não vacilou em derramar sobre nós um punhado de lama... Preferiu, ao convívio do meu coração, os costumes dissolutos desta época de criaturas irresponsáveis, no capítulo da família, resvalando para o desfiladeiro que conduz a mulher aos abismos do crime e da impiedade.

“Mas, ouça bem minhas palavras desta noite que assinala os mais terríveis desgostos do meu coração!

“Nunca mais se afastará dos labores domésticos, das obrigações diárias de minha casa. Mais um ato, com que provoque as derradeiras reservas da minha tolerância, não deverá esperar outra providencia que não seja a morte.

“Não me solicite as mãos honestas para um ato de tal natureza. Se as tradições familiares desapareceram no âmago do seu espirito, continuam elas cada vez mais vivas em minha alma, que as deseja cultivar incessantemente no santuario de minhas recordações mais queridas. Viva com o seu pensamento na ignominia, mas abstenha-se de zombar publicamente dos meus sentimentos mais sagrados, mesmo porque a paciência e a liberalidade possuem também os seus limites.

“Saberei ressurgir desta queda em que as suas leviandades me atiraram!...

“De ora em diante, será a senhora nesta casa apenas uma serva, considerando a função maternal que hoje a exime da morte; mas, não intervenha na solução de qualquer problema educativo de minha filha. Saberei conduzi-la sem o seu concurso e buscarei o filhinho perdido talvez pela sua inconsciência criminosa, até o fim de meus dias. Concentrarei nos filhos a parcela imensa de amor que lhe reservara, dentro da generosidade da minha confiança, porquanto, doravante, não me deve procurar com a intimidade da esposa, que não soube ser, pela sua injustificável deslealdade, mas com o respeito que uma escrava deve aos seus senhores!...

Enquanto se verificava uma ligeira pausa na palavra acrimoniosa e amargurada do senador, Lívia dirigiu-lhe um olhar de angústia suprema.

Desejava falar-lhe como dantes, entregando-lhe o coração sensível e carinhoso; todavia, conhecendo-lhe o temperamento impulsivo, adivinhou a inutilidade de qualquer tentativa para justificar-se.

Passadas as primeiras reflexões e ouvindo, amargurada de dor, aquela terrível insinuação acerca do desaparecimento do filhinho, deixou vagar no coração vacilações injustificáveis e numerosas. Ante aquelas calúnias que a faziam tão desditosa, chegava a pensar se as boas ações não seriam vistas por aquele Pai de infinita bondade, que ela acreditava velar, dos céus, por todos os sofreadores, de conformidade com as promessas sublimes do Messias Nazareno. Não possuía ela uma conduta nobre e exemplar, como mãe dedicada e esposa

carinhosa? Todo o seu coração não estava posto em tributos de esperança e de fé naquele reino de soberana justiça, que se localizava fóra da vida material? Além disso, sua ida precipitada a Pilatos, sem a audiência prévia do marido fóra tão somente com o elevado propósito de salvar a Jesus de Nazaré da morte infamante. Onde o socorro sobrenatural que não chegava para esclarecer a sua penosa situação, definindo a verdadeira injustiça?

Lágrimas angustiosas enevoavam-lhe os olhos cansados e abatidos.

Mas antes que o marido recomeçasse as acusações, ela viu-se de novo defronte da cruz, em pensamento.

Uma brisa suave parecia amenizar as úlceras que a palavra acusatória do espôso lhe abrira no coração. Uma voz que lhe falava aos refólhos mais íntimos da consciência, lembrou-lhe ao espirito sensível que o Mestre de Nazaré também era inocente e expirara, naquele dia, na cruz, sob os insultos de algozes impiedosos. E ele era justo e bom, misericordioso e compassivo. Daqueles a quem mais havia amado, recebera a traição e o abandono na hora extrema do testemunho e, de quantos havia servido com a sua caridade e o seu amor, havia recebido os espinhos envenenados da mais acerba ingratidão. Ante a visão dos seus martírios infinitos, Lívia consolidou a sua fé e rogou ao Pai Celestial lhe concedesse a intrepidez necessaria para vencer as provações aspérrimas da vida.

Suas meditações angustiosas haviam durado um momento. Um minuto apenas, após o qual, continuou Públio Lentulus com voz desesperada:

— Aguardarei mais dois dias, nas pesquisas de meu filhinho desventurado! Decorridas estas poucas horas, voltarei a Cafarnaum para afrontar a passagem do tempo... Ficarei neste cenário maldito, enquanto fôr necessario e, quanto á senhora, recolha-se doravante em sua propria indignidade, porque com o mesmo ímpeto generoso com que poupo a sua existencia, neste momento, não vacilarei em lhe infligir a derradeira punição no momento oportuno!...

E, abrindo a porta de saída, que estremeceira aos rebombos do trovão, exclamou com terrível acento:

— Lívia, esta noite infame assinala a perpétua separação dos nossos destinos. Não ouse transpôr a fronteira que nos isola um do outro, para sempre, no mesmo lar e dentro da mesma vida, porque um gesto dêsses pode significar a sua inapelavel sentença de morte.

Atrás de si, fechara-se a porta com estrépito abafado pelos rumores da tempestade.

Jerusalém estava sob um verdadeiro ciclone de destruição, que ia deixar, após a sua passagem, um sinal de ruína, desolação e morte.

Ficando só, Lívia chorou amargamente.

Enquanto a atmosphéa se lavava com a chuva torrencial que descia a cântaros no fragor das trovoadas, também a sua alma se despia das ilusões mais gratas e mais doces, no cadinho das lágrimas amargas e purificadoras.

Sim... estava só e profundamente desventurada.

Doravante, não poderia contar com o amparo do marido, nem com o afeto suave da filhinha, mas um anjo de serenidade velava á sua cabeceira, com a doçura das sentinelas que nunca se afastam do seu posto de amor, de redenção e de piedade. E foi êsse espirito luminoso que, fazendo gotejar o bálsamo da esperança no cálice do seu coração angustiado, deu-lhe a sentir que ainda possuia muito: — o tesouro da fé, que a unia a Jesus, ao Messias da renúncia e da salvação, a esperá-la nas claridades misericordiosas do seu reino.

X

O APÓSTOLO DA SAMÁRIA

No dia seguinte, Publio Lentulus incentivou as pesquisas do filhinho, entre quantos peregrinavam nas festas da Páscoa, em Jerusalém, instituindo o premio

de um Grande Sertercio (1) ou sejam dois mil e quinhentos asses, para quem apresentasse aos seus servos a criança desaparecida.

Não devemos esquecer que a criada Semele, bem como suas companheiras de serviço foram submetidas ao mais rigoroso inquérito, por ocasião do castigo aos servos imprevidentes, encarregados da noturna vigilancia em casa do senador.

Publio não admitia castigos físicos ás mulheres, mas, no caso misterioso do desaparecimento do filhinho, submeteu as criadas a um interrogatório francamente impiedoso.

Inutil declarar que Semele protestara a mais absoluta innocencia, nada deixando transparecer que pudesse comprometer as suas atitudes.

Entretanto, as três servas que mais dirétamente cuidavam do pequeno, entre as quais estava ela incluída, foram obrigadas a colaborar com os escravos na procura de Marcus, pelas praças e ruas de Jerusalém, embora tivessem as suas horas diárias consagradas ao descanso. Essas horas aproveitava-as Semele para visitar ou rever relações amigas, passando a maior parte do tempo no sítio onde André cultivava as suas oliveiras e vinhedos frondosos, a pouca distancia da entrada para os centros principais.

Nesse dia, vamos encontrá-la aí em animada palestra com o raptor e sua mulher, enquanto a criança dormitava ao canto de um compartimento.

— Com que, então, o senador instituiu o premio de um Grande Sestercio a quem lhe devolva a criança? — perguntava André de Gioras admirado.

— E' verdade — exclamou Semele pensativa. E, na realidade, trata-se de uma grande soma em dinheiro romano, que ninguem ganhará neste mundo.

— Se não fôsse o meu justo e ardente desejo de vingança — replicou o raptor com o seu malicioso sor-

(1) Mil sestercios.